

LINGUASAGEM

DISCURSO, ARTE E RESISTÊNCIA: SENTIDOS “INCÔMODOS” NO SAMBA-ENREDO DA MANGUEIRA

Helson Flávio da SILVA SOBRINHO¹

Resumo

Este artigo, fundamentado na perspectiva teórica e política da Análise do Discurso na linha de Michel Pêcheux, desenvolve uma reflexão sobre discurso, arte e resistência a partir da análise do samba-enredo da escola de samba Estação Primeira de Mangueira, no carnaval de 2020. Em nossa análise, compreendemos a arte como prática de resistência; no caso em estudo, o samba-enredo da Mangueira é abordado enquanto expressão artística capaz de criticar os discursos dominantes da formação social brasileira. Desse modo, encontramos na letra do samba a presença de sentidos incômodos que, na tensão entre memória e atualidade, materializam os conflitos existentes e apontam a necessidade de lutar contra a opressão, visando alcançar a liberdade.

Palavras-chave: Discurso; Samba-enredo; Arte; Resistência.

Abstract

This article, based on the theoretical and political perspective of Discourse Analysis in line with Michel Pêcheux, develops a reflection on discourse, art and resistance based on the analysis of the samba-plot of the samba school Estação Primeira de Mangueira, carnival 2020. In our analysis, we understand art as a practice of resistance and, in this case, the samba-plot of Mangueira is approached as an artistic expression capable of criticizing the dominant discourses of Brazilian social formation. In this way, we find in the lyrics of the samba the presence of uncomfortable meanings that, in the tension between memory and actuality, materialize the existing conflicts and point out the need to fight against oppression in order to achieve freedom.

Keywords: Discourse; Samba-plot; Art; Resistance.

A arte de levar aos extremos as questões imperdoáveis

“Se Jesus voltasse hoje, ele seria preto, pobre, ativista, morador do Morro da Mangueira e provavelmente morreria assassinado”, afirma o artista e carnavalesco Leandro Vieira².

¹ Professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Pós-doutor pela Unicamp. Pesquisador do CNPq. Vice-líder do grupo de pesquisa em Discurso e Ontologia (Gedon). E-mail: helsonf@gmail.com

² <https://www.uol.com.br/carnaval/2020/colunas/leo-dias/2020/01/30/leandro-vieira-carnavalesco-da-mangueira.htm>

Profundamente afetados por nosso contexto histórico, marcado por relações de poder, preconceitos, racismo, ameaças, medos, perseguições, violências, homicídios, ignorância e fascismo, fomos instados a pensar sobre o discurso e a arte como práticas de resistência. Assim, decidimos, a partir da Análise do Discurso de Michel Pêcheux, refletir sobre essas questões incômodas e imperdoáveis de nossa formação histórica, analisando o samba-enredo da Estação Primeira de Mangueira no carnaval de 2020.

A nosso ver, o samba é uma expressão artística e, sobretudo, uma forma de resistência política. Desse modo, mobilizaremos as palavras **discurso**, **samba-enredo**, **arte** e **resistência**. Essa imbricação se faz necessária para compreender o contraditório funcionamento dos discursos de nossa atualidade histórica cada vez mais conturbada. Expliquemos, então, cada tomada de posição quanto às palavras-chave deste artigo.

Começando pelo discurso, pois a filiação teórica e política que assumimos compreende que, para se chegar ao caráter material do sentido, é preciso articular o dizer e suas condições de produção. Ou seja, trabalhar na dialética entre língua, história, sujeito e ideologia. Nessa perspectiva, o discurso com seus efeitos de sentidos é prática de linguagem inscrita numa determinada conjuntura, porquanto é práxis sócio-histórica cujo funcionamento está no movimento contraditório das condições materiais e ideológicas de reprodução/transformação das relações de produção de uma determinada formação social.

Desse modo, vamos ao encontro do gênero musical, samba-enredo, como uma forma de materialidade do discurso e, ao mesmo tempo, como uma expressão artística. Materialidade do discurso porque é produzido por/para sujeitos em uma determinada sociedade e produz efeitos de sentido na história. Expressão artística porque se trata de um discurso que, remetido ao real, apresenta-se em música numa linguagem estética que lhe confere o *status* de arte³. Podemos também dizer que o samba, ao materializar a voz do excluído, satiriza a sociedade e produz crítica ferrenha. Assim, o samba-enredo do qual estamos tratando expressa, através da arte, uma crítica social e anseia por liberdade.

Posto isso, é preciso também esclarecer o que entendemos por resistência. A nosso ver, é a prática de se confrontar com o poder e as formas de opressão. Segundo Pêcheux (1990, p. 17), “não entender ou entender errado; não ‘escutar’ as ordens”, e, também, “falar quando se exige silêncio”, ou ainda, “mudar, desviar, alterar o sentido

³ A arte, segundo Lukács, “é um reflexo da realidade objetiva”. (LUKÁCS, 2018, p. 122).

das palavras e das frases”. Para nós, sobretudo, a resistência é uma tomada de posição no conflito que, para que tenha sua eficácia, precisa ir ao real da história e buscar o caráter material do sentido, pois toda prática de resistência enfrenta os conflitos político-ideológicos para encontrar alternativas de transformação.

Abordamos o samba-enredo como uma “arte de levar aos extremos as questões imperdoáveis”⁴. Nesse efeito metafórico, compreendemos que as escolas de samba, em suas expressões artísticas, não apenas nas letras do samba, mas também em outras formas cotidianas de existência, são capazes de fazer pensar questões incômodas que nos dizem respeito. São, para nós, formas de resistência política.

O samba-enredo da Mangueira em 2020: contraditórias interpretações

“O nosso posicionamento deve ser o de trazer de volta a capacidade que o samba tem de ser resistência. Afinal, a história do samba é uma história de luta”, afirma o artista e carnavalesco Leandro Vieira⁵.

Como dissemos, nosso estudo se inscreve na perspectiva da Análise do Discurso e analisará a letra do samba-enredo da Mangueira. Mesmo reconhecendo a pertinência de outras questões que se entrelaçam – por exemplo, um debate historiográfico sobre o samba e/ou o samba-enredo, questões de rítmicas e de sonoridade, a indústria cultural afetando o carnaval, a identidade nacional e as festas de Momo, o desfile no sambódromo como “o maior espetáculo do planeta” –, para os limites deste artigo foi necessário centrar nosso olhar sobre o discurso materializado na letra do samba em seu caráter textual-discursivo, tomando a língua em sua inscrição na história, na relação necessária com “o ‘não está’, o ‘não está mais’, o ‘ainda não está’ e o ‘nunca estará’” (PÊCHEUX, 1990, p. 8). Desse modo, partiremos do pressuposto de ser o samba um gênero musical popular brasileiro, uma expressão artística que materializa o discurso e responde dialeticamente a uma determinada conjuntura histórica.

Considerando a existência histórica das escolas de samba, é preciso ressaltar que muitas já foram alvo de críticas sobre seus enredos, sambas, fantasias, carros alegóricos etc. É memorável o polêmico desfile da escola de samba Beija-flor de Nilópolis, em

⁴ Esse recorte que dá título ao início de nossa reflexão é uma citação de Pêcheux (1997a, p. 297), de certo modo, retirada de seu contexto, pois ele estava se referindo aos intelectuais que se propunham a pensar questões imperdoáveis. Consideramos que, em seu efeito metafórico, essa citação também pode ser remetida às questões “incômodas” que abordaremos no presente artigo.

⁵ <https://vejario.abril.com.br/programe-se/nada-e-mais-bonito-do-que-protestar-com-arte-diz-leandro-vieira/>

1989, com o samba-enredo “Ratos e urubus, larguem a minha fantasia”. A escola contrastava o luxo e a pobreza e levou à avenida a imagem do Cristo Redentor com roupas de mendigo, mas, por conta de uma ordem judicial que censurava essa apresentação, o carro alegórico desfilou coberto por lona preta e uma faixa que dizia: “Mesmo proibido, olhai por nós!”.

Nessa rápida retomada, pode-se notar que enredos que tocam em questões incômodas são sempre alvo de grandes polêmicas e até de censura⁶. É, pois, também nesse sentido que abordamos as práticas de resistência. Resistência, por um lado, porque as escolas de samba, com seus enredos, problematizam nossa formação social, questionam as narrativas dominantes, trazem outras perspectivas de leitura, levam sua crítica à avenida e fazem circular outras interpretações. E, por outro lado, resistência porque precisam firmar suas tomadas de posição para continuar existindo e apresentar seu carnaval. Trata-se de uma forma de fazer história e estar na história da sociedade brasileira não como espectadoras, mas como agentes. E isso não foi diferente com a Mangueira em 2020.

A Estação Primeira de Mangueira⁷, criada em 1928, é considerada uma das mais populares escolas de samba do Rio de Janeiro e é conhecida em todo o Brasil por sua tradição e por suas cores verde e rosa. Nosso interesse em analisar o samba-enredo da Mangueira já existia, todavia, nossa sensibilidade foi mais aguçada em 2019, quando a Verde-e-Rosa apresentou o samba “História pra Ninar Gente Grande”.

Com esse enredo, a escola foi campeã, mas o que nos chamou atenção foi como, da perspectiva do oprimido e resistindo à opressão, o samba ressignificava a história “oficial” do Brasil, como assinala a letra: “deixa eu te contar a história que a história não conta, o avesso do mesmo lugar, na luta é que a gente se encontra”. Assim, contou a história dos heróis da resistência, dos negros e dos índios “desconhecidos” na história “oficial”. No lugar da princesa Isabel, por exemplo, a escola trouxe Cunhambebe, Dandara, Zumbi dos Palmares e, também, fez uma homenagem a Marielle Franco,

⁶ Ver a pesquisa de Tamara Cruz (2010), “As escolas de samba sob vigilância e censura na ditadura militar: memórias e esquecimentos”. É importante levar em consideração a sensibilidade da autora ao perceber a recorrência do tema “liberdade” no período da ditadura militar.

⁷ A escola tem esse nome por conta da parada do trem: “porque a primeira parada do trem, que saía da Estação de Dom Pedro para o subúrbio, onde havia samba, era Mangueira”. Fonte *site* oficial da Mangueira: <http://www.mangueira.com.br/historiamangueira>. Acesso em: 2 jun. 2020.

vereadora do Rio de Janeiro, mulher, lésbica, negra, periférica, brutalmente assassinada⁸.

Já no carnaval de 2020, a Mangueira apresentou o samba-enredo intitulado “A verdade vós fará livre” e foi alvo de inúmeros ataques preconceituosos, aparentemente de cunho religioso e conservador. Foram, justamente, as contraditórias interpretações que nos fizeram selecionar esse samba-enredo para analisar o que “incomoda” nesse discurso.

Em nossa análise, compreendemos as direções de sentidos que se abrem em gestos de interpretação conflituosos. Enquanto condições de produção do discurso, há de se observar que o samba-enredo toca na religiosidade do povo brasileiro, e, ao mesmo tempo, traz à baila nossos conflitos sociais, culturais, políticos, econômicos e históricos. Os desafios do cotidiano das favelas brasileiras, o sofrimento e a resistência dos negros, a violência contra as mulheres e sua resistência cotidiana, o massacre dos povos indígenas e sua resistência para continuarem existindo foram discursivizados no samba-enredo da Mangueira, produzindo um nó de contraditórias interpretações. É o real da história que não cessa de se inscrever nas discursividades e se desdobra nas tensões que entrelaçam historicamente **sujeitos e arte, resistência e liberdade**.

A nosso ver, o samba da Mangueira de 2020 é um dos mais belos produzidos nesse contexto cruel que vivenciamos, onde é crescente o número de assassinatos de negros no Brasil e no mundo⁹; onde nos deparamos com violência contra a mulher, como estupro e feminicídio¹⁰; onde são praticados ataques às populações indígenas e quilombolas, com mortes e invasões de suas terras anteriormente já demarcadas¹¹. Essas condições de produção vão aparecer na letra do samba como efeito do real sobre a subjetividade, ou seja, como “marca do real histórico como remissão necessária ao outro exterior” (PÊCHEUX, 1999, p. 56). E, podemos acrescentar com Oldrini (2019, p. 76), que a “historicidade da arte nasce, portanto, da historicidade da sua base real”.

⁸ Para conferir a análise do samba-enredo da Mangueira de 2019, sugerimos o belíssimo artigo de Sousa; Ruiz e Garcia (2020, s/p), em que afirmam: “a potência dos sentidos do samba e do desfile produz deslocamentos e escancara outros modos de (re) dizer a nossa história, pelo avesso dela, pelos espaços interditados que sobraram dos processos de dominação política, econômica e cultural”.

⁹ “75% das vítimas de homicídio no país são negras, aponta Atlas da Violência”. <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,75-das-vitimas-de-homicidio-no-pais-sao-negras-aponta-atlas-da-violencia,70002856665>. Publicado em 5 de junho de 2019.

¹⁰ “Brasil registra um caso de agressão a mulher a cada quatro minutos”. <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/brasil-registra-1-caso-de-agressao-a-mulher-a-cada-4-minutos-mostra-levantamento.shtml>. Publicado em 9 de setembro de 2019.

¹¹ “Invasões a terras indígenas dispararam sob Bolsonaro, aponta conselho da CNBB”. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/09/invasoes-a-terras-indigenas-dispararam-sob-bolsonaro-aponta-grupo-ligado-a-cnbb.shtml>. Publicado em 17 de junho de 2020.

Para conduzir a análise, em termos metodológicos, apresentaremos primeiramente os recortes da letra¹² do samba-enredo enquanto sequências discursivas (SD). Em seguida, desenvolveremos nossa análise discursiva a partir dos trechos citados.

SD 1:

Mangueira
Samba, teu samba é uma reza
Pela força que ele tem
Mangueira
Vão te inventar mil pecados
Mas eu estou do seu lado
E do lado do samba também

A tessitura da letra se assemelha a uma prece: “Mangueira samba, teu samba é uma reza pela força que ele tem”. Esse início produz uma imbricação de sentidos “samba”, “reza” e “força”. Não é à toa que essa construção faz ecoar da favela, através do samba, um clamor (reza) como uma força capaz de movimentar os sentidos na história. Como diria Pêcheux (1999, p. 53), estamos diante da “força de uma ‘desregulação’ que vem perturbar a rede dos ‘implícitos’.”. É desse modo que a letra vai abrindo as alas de sua composição artístico-poética para manifestar sua crítica e lutar por liberdade.

Ainda no início da música, percebemos que o samba é cantado em primeira pessoa, produzindo um efeito de que é o próprio Jesus Cristo que se apresenta. Vejamos a SD2:

SD 2:

Eu sou da Estação Primeira de Nazaré
Rosto negro, sangue índio, corpo de mulher
Moleque pelintra no Buraco Quente
Meu nome é Jesus da Gente

Nesse recorte, há a apresentação de um determinado sujeito que nos é “familiar”. No entanto, ele se apresenta de outro modo, com uma face pouco conhecida, tida como “estranha” e até mesmo negada: “Jesus da Gente” com rosto negro, sangue de índio, corpo de mulher. O samba traz uma necessária estratégia para agitar o pensamento

¹² O samba-enredo da Mangueira de 2020 sofreu algumas modificações na letra até chegar à sua versão final. Houve certa repercussão nas redes sociais, com manifestações de discordância e também de aprovação. No entanto, não entraremos nesse debate; tomaremos apenas a versão final para a nossa análise dos compositores Manu da Cuíca e Luiz Carlos Máximo.

crítico e desconstruir a imagem em arquivo¹³ de um Jesus que nos foi apresentado pelo colonizador (homem branco, de barba e cabelos longos) e que ainda domina nosso imaginário. Ou seja, o Jesus da Gente, “Moleque pelintra no Buraco Quente”¹⁴, que tem sua origem na favela e se apresenta pobre e maltrapilho, em termos discursivos, polemiza a leitura do arquivo, desestabiliza sentidos, rompe com o efeito material da repetição da ordem ideológica dominante e, por isso, incomoda determinados sujeitos.

Para nós, há, nesse funcionamento, questões profundamente históricas que fazem trabalhar os conflitos entre memória e atualidade, justamente num “espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos” (PÊCHEUX, 1999, p. 56).

Podemos, ainda, ampliar a análise observando a logo¹⁵ do enredo da Mangueira.



Figura 1 - Logo do enredo 2020. Fonte: *site* oficial da Mangueira.

Compreendendo a imagem como operador de memória, podemos dizer que a logo da Mangueira, em um gesto político, faz uma leitura outra e questiona o gerenciamento dos sentidos que dominam a atualidade. Nessa perspectiva, esse Jesus

¹³ Para Pêcheux, arquivo seria “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (2010, p. 51). Nessa direção, compreendemos o arquivo da imagem de Jesus Cristo como uma série de imagens materializadas em pinturas e esculturas que, ao longo da história do cristianismo e de seus aparelhos ideológicos, gerenciaram, impuseram e naturalizaram os sentidos da imagem de Jesus.

¹⁴ Buraco Quente é uma localidade do complexo do Morro da Mangueira.

¹⁵ <http://www.mangueira.com.br/logo>. Acesso em: 2 jun. 2020.

histórico é tido como uma “blasfêmia”¹⁶ para uma parcela da sociedade que deseja manter a opressão. Nesses traços material-discursivos se estabelece a crítica à formação social brasileira, produzindo confrontos entre memória e atualidade em sua espessura histórica: a memória da escravidão e a atualidade do racismo e exclusão social; a memória do genocídio indígena e a atualidade da tomada das terras e sequestro de suas identidades; a memória do patriarcalismo e a atualidade da violência contra a mulher e a diversidade de gênero.

Vejamos como o sujeito do discurso (metaforicamente Jesus) continua a se apresentar:

SD 3:

Nasci de peito aberto, de punho cerrado
Meu pai carpinteiro desempregado
Minha mãe é Maria das Dores Brasil

Podemos ver que há um tenso movimento do discurso entre memória e atualidade que faz ressignificar a imagem de Jesus. Seu peito aberto retoma a imagem do menino Jesus na manjedoura, particularmente, seus braços abertos e a pobreza de seu nascimento. Mas os punhos cerrados, como marca violenta no corpo do sujeito, deslocamos diretamente para o calvário, flagelação e morte. Nessa direção, o “peito aberto” retoma a lança que o soldado usou para furar/abrir o peito de Jesus em seus últimos momentos na cruz. A materialidade discursiva vai desvelando aos poucos sua opacidade, pois se trata de um corpo que, em sua concretude, revela a perseguição, a condenação, a prisão, a punição, a dor, o sofrimento e a morte, tais como negros, mulheres, população LGBTQI+, índios, e pobres sofreram na história do Brasil e continuam a sofrer na atualidade.

Ainda sobre a origem de Jesus, o samba apresenta sua filiação. Ele é filho de pai carpinteiro (trabalhador) desempregado, o que faz atualizar os sentidos com o real do desemprego e da precarização do trabalho em nosso contexto histórico. Sua mãe é Maria das Dores Brasil. Desse modo, num efeito metafórico de uma palavra por outra, a letra do samba traz Maria como um nome próprio cuja referência é a mãe de Jesus; e, ao mesmo tempo, como nome comum, capaz de produzir identificações com inúmeras mulheres e suas dores, que também veem seus filhos serem perseguidos e mortos.

¹⁶ Ver a entrevista de Leonardo Boff em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/02/05/leonardo-boff-defende-o-samba-enredo-da-mangueira-de-2020-unico-jesus-verdadeiro>

Podemos dizer que a forma-sujeito histórica como Jesus é apresentado nesse samba se confronta com a forma-sujeito histórica da violência do capitalismo, especificamente, na sociedade brasileira.

SD 4:

Enxugo o suor de quem desce e sobe ladeira
Me encontro no amor que não encontra fronteira
Procura por mim nas fileiras contra a opressão
E no olhar da porta-bandeira pro seu pavilhão

É importante ressaltar que nesse recorte (SD4), a palavra **amor** aparece ampliada em sua significação para romper fronteiras. Jesus se encontra no amor e enxuga o suor dos oprimidos. Enxugar o suor de quem desce e sobe ladeira traz à tona as relações de trabalho, relações de exploração, a desigualdade de gênero, as discriminações de raça e etnia, e, sobretudo, a exploração de classes. Assim, os sentidos são evocados para rememorar que Jesus, numa distinta posição-sujeito, pregou o amor contra todas as formas de opressão.

SD 5:

Eu tô que tô dependurado
Em cordéis e corcovados
Mas será que todo povo entendeu o meu recado?
Porque de novo cravejaram o meu corpo
Os profetas da intolerância
Sem saber que a esperança
Brilha mais na escuridão

O samba faz um questionamento e produz mais inquietações nos sujeitos por meio dos efeitos de sentidos: “mas será que todo povo entendeu o meu recado?”. A resposta é **não**. Para isso, basta observar que o samba segue revelando que “de novo cravejaram o meu corpo”. Mas, nesse gesto interpretativo, a música também traz a esperança que pode brilhar mais na escuridão, fazendo surgir sentidos que fundamentam a resistência, pois, como lembra Pêcheux, “não há dominação sem resistência” (PÊCHEUX, 1997, p. 304).

Após trazer à memória questões incômodas para a sociedade brasileira, já que “a questão da interpretação é incontornável e retornará sempre” (PÊCHEUX, 1999, p. 54), a Mangueira segue com seu samba e faz um chamamento.

SD 6:

Favela, pega a visão
Não tem futuro sem partilha
Nem Messias de arma na mão

Favela, pega a visão
Eu faço Fé na minha gente
Que é semente do seu chão

No movimento da interpretação, aparece um chamamento – “favela, pega a visão” – que interpela os sujeitos de uma outra perspectiva, produzindo novos sentidos na/para as práticas históricas. Também nos deparamos com um alerta: “não tem futuro sem partilha”. Esse ponto de vista inscrito na concretude histórica reconhece que o futuro só pode ser construído com partilha, sem divisões. Mas também sem “Messias de arma na mão”, fazendo, de certo modo, uma referência a Jair “Messias” Bolsonaro, que na campanha à presidência, em 2018, mas não apenas nesse momento, fez gesto com a mão imitando uma arma e evocando sentidos de violência.

É importante observar o modo de confiança/esperança que o samba-enredo afirma ao dizer que “eu faço Fé na minha gente que é semente do seu chão”. Fazer fé na minha gente significa que é desse lugar do oprimido que se produz a identificação do sujeito que resiste, ou seja, é tomando essa posição-sujeito que se pode lutar por libertação. Estamos, pois, diante de sujeitos da/na história resistindo politicamente.

Como diria Lukács:

A realidade refletida e plasmada pela arte, tomada em seu conjunto, implica já, desde o primeiro momento, uma tomada de posição em face das lutas históricas do presente no qual vive o artista. Sem esta tomada de posição, não lhe seria possível escolher como objeto do trabalho artístico, como particular característico, precisamente este e nenhum outro momento da vida. (LUKÁCS, 2018, p. 195)

Como a tomada de posição em face das lutas históricas é inevitável na arte, a última estrofe do samba é também repleta de significações de resistência, pois afirma que “do céu deu pra ouvir” o “desabafo sincopado da cidade”. As palavras “tambor”, “cruz” e “cordão” completam os sentidos buscados: fazer ressurgir a liberdade.

SD 7:

Do céu deu pra ouvir
O desabafo sincopado da cidade
Quarei tambor, da cruz fiz esplendor
E ressurgi pro cordão da liberdade

Como vimos, esse samba-enredo torna visível, pela música em sua expressão artística, os discursos opressores da sociedade brasileira, capitalista, colonizada, racista e machista. Na música, Jesus ouve do céu o “desabafo” e “ressurge pro cordão da liberdade”. Certamente, o efeito é metafórico, mas sustenta toda a crítica desenvolvida

na letra do samba, trazendo sentidos com possibilidades de ruptura: “cordão da liberdade”.

Ao inserimos a expressão “contraditórias interpretações” no subtítulo de nossa análise, intentamos dizer que os gestos de interpretação sobre esse samba-enredo foram polêmicos e conflituosos e causaram “incômodos”. Como visto, o samba da Mangueira foi alvo de inúmeras acusações, principalmente de fazer “profanação” do sagrado, pois, como diz Pêcheux, “maldito aquele que rompe este pacto do silêncio tagarela: ele corre o risco de se tornar *ipso-facto* um espectro visível da adversidade” (1990, p. 15).

Assim, sob a ótica de “defender” Jesus Cristo, dizeres opressores e perversos, calúnias, difamações, condenação e até desejo de morte aos componentes da Mangueira foram expressos em comentários nas redes sociais¹⁷. Tudo para que o samba, com suas questões incômodas, não descesse o morro e produzisse determinados efeitos.

Procurando acompanhar a polêmica sobre o samba-enredo da Mangueira, entender os conflitos nas interpretações e buscando compreender o porquê do “incômodo”, deparamo-nos com uma interessante charge no *Facebook* do artista e carnavalesco Leandro Vieira¹⁸, publicada numa nota em que respondia aos ataques sofridos:



Figura 2 - Charge publicada por Leandro Vieira, artista e carnavalesco da Mangueira.

¹⁷ Optamos por não trazer recortes do que vimos em comentários nas redes sociais; fizemos apenas algumas alusões que podem revelar a densidade da crueldade desses dizeres.

¹⁸ <https://pt-br.facebook.com/LeandroVieirarj/photos/a.656369857780626/2659630910787834/?type=3&theater>.

Publicado em 17 de janeiro de 2020.

A nosso ver, estão em funcionamento na materialidade do samba-enredo da Mangueira questões cruciais do sistema desumanizante do capital. O samba é provocativo, ressignifica Jesus para questionar a forma de ser de nossa sociedade “sem partilha” e cheia de “dores”, pois a sociedade brasileira é regida pela lógica do lucro e baseada na propriedade privada e na exploração dos(as) trabalhadores(as). Assim, trata-se de uma forma de confronto com o real da história, ou seja, de confronto com a formação social capitalista, pois toda regularização discursiva “é sempre suscetível de ruir sob o peso do acontecimento discursivo novo, que vem perturbar a memória” (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

As polêmicas contra o samba, os abaixo-assinados, as “mensagens” que circularam nas redes sociais, as *fake news* que foram produzidas contra a escola não tomavam “exatamente” a Mangueira como alvo. Tais discursividades dirigiam-se contra qualquer questionamento que colocasse em risco a dominação masculina, branca, heterossexual e burguesa; era isso que incomodava, pois há, como diz Pêcheux (1999, p. 53), “sempre um jogo de força na memória, sob o choque do acontecimento”. Assim, numa sociedade dividida e contraditória, problematizar o incômodo, questionar a dominação, subverter os sentidos é uma forma de resistir e buscar a liberdade. Entretanto, para as classes e grupos dominantes, fazer isso é uma “heresia”.

Esse samba-enredo tornou visíveis as contradições da sociedade brasileira ao se confrontar com os sentidos dominantes. Não é por acaso que o título do samba afirma que “a verdade vos fará livre” (sic). Estamos, pois, diante do jogo polêmico da disputa da interpretação que nos remete ao texto bíblico de João 8:32: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”, mas também da sua repetição extremamente equívoca na fala de Jair Bolsonaro. Por isso, não foi à toa que a escola mencionou criticamente o então presidente: “nem Messias de arma na mão”.

A retomada desse versículo bíblico, no discurso materializado no samba-enredo da Mangueira, ganha outros contornos, pois mexe em memórias e atualiza os sentidos na história recente do Brasil. Ou seja, “sob o ‘mesmo’ da materialidade da palavra abre-se então o jogo da metáfora, como outra possibilidade de articulação discursiva” (PÊCHEUX, 1999, p. 53). Nessa perspectiva, os sentidos são produzidos em outra posição-sujeito e podem afirmar diferentemente que a verdade vos fará livre(s).

Em termos discursivos, podemos até dizer que se trata de uma “paráfrase”, mas as palavras mudam de sentido de acordo com as posições ideológicas dos sujeitos que as pronunciam. Por isso, o versículo traz outros efeitos, mais concretos e mais próximos

da verdade, pois como diria Gramsci “dizer a verdade é revolucionário”¹⁹. Verdade essa que nossa sociedade e a classe dominante têm afastado, relativizado, apagado, diluído, ou até mesmo, declarado como não existente ou como impossível.

Para a AD, é nas contradições sócio-históricas que devemos analisar o discurso a fim de alcançar seu caráter material²⁰. Assim, pudemos compreender que a Estação Primeira de Mangueira fala da posição do oprimido que objetivamente precisa encontrar a verdade de sua exploração para lutar pela verdadeira libertação. Portanto, vimos que os discursos discriminatórios, preconceituosos, racistas, homofóbicos, violentos e fascistas não podem dominar completamente os sujeitos. Há formas de resistência política que podem (devem) vir pela arte, pela música e pelo samba.

Considerações finais: arte e liberdade

*“Nada é mais bonito do que protestar com arte”,
afirma o artista e carnavalesco Leandro Vieira²¹.*

Não foi fácil analisar discursos tão cruéis cuja gênese se encontra em nossa formação social (capitalista). É lamentável constatar que tais discursividades opressoras não foram superadas, ao contrário, estão cada vez mais em proliferação, produzindo seus efeitos perversos no social. Dar de encontro com discursos de discriminação, racismo, exploração e violência é, no fundo, dar de encontro com o real de nossa história em sua face mais cruel.

Reconhecemos que foi, sobretudo, pelo desejo de fazer surgir acontecimentos capazes de produzir sentidos de ruptura com essas formas de opressão que analisamos o samba-enredo da Mangueira. Como vimos, resistir aos discursos cruéis incomoda a muitos sujeitos agentes da opressão. Por isso, compreendemos a importância do samba como uma necessária forma de resistência poética e política. Compreendemos, sobretudo, que para superar as contradições, é preciso continuar criticando a raiz dos processos históricos que sustentam os discursos opressores. Só assim “a verdade vos/nos fará livre(s)”!

¹⁹ Estamos evocando o lema do jornal criado por Gramsci, *L'Ordine Nuovo*, para agitar ainda mais os sentidos incômodos analisados neste artigo. Cf. <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/O-jornalista-Antonio-Gramsci/12/29684>

²⁰ Caráter material na perspectiva teórica e política do materialismo histórico, de Marx e Engels, pois “nosso trajeto de estudo assinala o necessário resgate de uma referência à História na perspectiva do materialismo histórico e dialético, na tentativa de evitar que a teoria materialista da produção de sentidos se esvazie da crítica à sociedade capitalista”. (SILVA SOBRINHO, 2019, p. 130).

²¹ <https://vejario.abril.com.br/programe-se/nada-e-mais-bonito-do-que-protestar-com-arte-diz-leandro-vieira/>

REFERÊNCIAS

- CRUZ, Tamara. **As escolas de samba sob vigilância e censura na ditadura militar:** memórias e esquecimentos. 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, 2010.
- LUKÁCS, Georg. **Introdução a uma estética marxista:** sobre a particularidade como categoria da estética. São Paulo: Instituto Lukács, 2018.
- OLDRINI, Guido. **Os marxistas e as artes:** princípios de metodologia crítica marxista. Maceió-AL: Coletivo Veredas, 2019.
- PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, nº 19, p. 7-24, jul./dez., 1990.
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636823>
- PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. *In:* ORLANDI, Eni (Org.). **Gestos de Leitura:** da história no discurso. 2. ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2010.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In:* ACHARD, Pierre. **Papel da memória.** Campinas,SP: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, Michel. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. *In:* PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas,SP: Ed. da Unicamp, 1997.
- SILVA SOBRINHO, Helson. O caráter material do sentido e as classes sociais: uma questão para a Análise do Discurso. **Revista Polifonia**, Cuiabá-MT, v. 26, n. 43, jul./set., 2019.
- SOUSA, Lucília Maria Abrahão; RUIZ, Marco Antonio Almeida; GARCIA, Dantielli Assumpção. Fragmentos do discurso de um samba no asfalto. **RUA**, Campinas-SP, n. 26, v. 1, 2020.

Como referenciar este artigo:

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. Discurso, arte e resistência: sentidos “incômodos” no samba-enredo da mangueira. **Revista Linguagem**, São Carlos, v. 37, Número Temático, p. 52-65, janeiro, 2021.